

Salvador, 477 anos: cidade histórica e vital

HIEROS VASCONCELOS
REPÓRTER

Fundada em 29 de março de 1549 por Tomé de Sousa, Salvador chega aos 477 anos consolidada como uma das cidades mais antigas das Américas e, ao mesmo tempo, como um dos centros urbanos que mais têm buscado se reinventar nas últimas décadas. Primeira capital do Brasil, berço de decisões políticas, econômicas e culturais que moldaram o país, a cidade carrega em sua formação as marcas profundas da colonização, da presença africana e de um processo urbano que atravessou séculos mantendo sua relevância.

Ao longo de sua história, Salvador nunca foi uma cidade estática. Embora tenha preservado elementos fundamentais de sua identidade, como o traçado urbano original, o centro histórico e a força de suas manifestações culturais, a capital baiana também passou por sucessivas transformações que redesenharam seu território e sua dinâmica econômica. Essa capacidade de adaptação, segundo o historiador Cid Teixeira, é uma das principais características da cidade. “Salvador se transforma ao longo do tempo sem perder sua essência. Cada período histórico deixou marcas, mas a cidade sempre encontrou formas de se reorganizar”, observa ao analisar a evolução urbana da capital.

Essa leitura se confirma no presente. Nos últimos anos, Salvador tem vivenciado um conjunto expressivo de intervenções urbanas que buscam responder a demandas históricas relacionadas à mobilidade, infraestrutura e crescimento populacional. A implantação de novos viadutos em regiões estratégicas, a requalificação de avenidas importantes e a criação de novas ligações viárias vêm alterando de forma significativa a circulação na cidade, especialmente em áreas que tradicionalmente concentravam gargalos de trânsito.

Ao mesmo tempo, obras de contenção de encostas e



Fotos: Romildo de Jesus

RESILIÊNCIA

Salvador se transforma ao longo do tempo sem perder sua essência. Cada período histórico deixou marcas, mas a cidade se renova

de drenagem avançam em bairros populares, ampliando a segurança de milhares de moradores e enfrentando um dos problemas mais antigos da capital, que é a ocupação de áreas de risco em função de sua geografia marcada por morros e vales. Essas intervenções, embora muitas vezes invisíveis no cotidiano de quem circula pelas áreas centrais, representam mudanças estruturais importantes para a qualidade de vida da população.

Esse movimento de transformação urbana dialoga

com uma lógica mais ampla, apontada pelo geógrafo Milton Santos, que compreende as cidades como espaços onde diferentes tempos convivem simultaneamente. Salvador, nesse sentido, é um exemplo claro dessa sobreposição. Ao mesmo tempo em que preserva edificações seculares e um patrimônio histórico reconhecido internacionalmente, a cidade incorpora novas estruturas, amplia sua malha urbana e busca se adaptar às exigências contemporâneas.

Além das intervenções já

em andamento, projetos de maior escala começam a desenharmos o futuro da capital. A implantação do VLT do Subúrbio, por exemplo, promete transformar a mobilidade em uma das regiões mais populosas da cidade, enquanto a futura ponte Salvador-Itaparica surge como um marco capaz de redefinir a dinâmica econômica e territorial não apenas da capital, mas de todo o estado.

Essas iniciativas indicam que Salvador, mesmo com quase cinco séculos de existência, continua sendo uma

cidade em construção. Uma cidade que carrega o peso de sua história, mas que não se limita a ela. Pelo contrário, utiliza essa base histórica como ponto de partida para novos ciclos de desenvolvimento.

Ao completar 477 anos, Salvador reafirma uma característica que a acompanha desde sua fundação: a capacidade de permanecer relevante. Se no passado foi centro do poder colonial, hoje se consolida como um polo de cultura, turismo, serviços e inovação, mantendo sua im-

portância no cenário nacional.

Não se trata de negar sua idade, mas de compreender que, em Salvador, o tempo não representa estagnação. Representa acúmulo, experiência e, sobretudo, continuidade.

É uma cidade antiga na sua origem, na sua arquitetura e na sua memória. Mas é também uma cidade nova na sua dinâmica, nas suas transformações e na sua capacidade permanente de se reinventar diante dos desafios de cada época.

Rio Vermelho: tradição, boemia e pertencimento de gerações

HIEROS VASCONCELOS
REPÓRTER

O Rio Vermelho ocupa um lugar singular na construção histórica, cultural e afetiva de Salvador, não apenas por sua localização privilegiada entre a Barra e Amaralina, mas pela forma como, ao longo do tempo, consolidou-se como um espaço onde a cidade se expressa em sua totalidade, reunindo moradia, fé, cultura, lazer e economia em uma dinâmica contínua que atravessa gerações.

A formação do bairro está diretamente ligada aos processos de expansão urbana de Salvador, especialmente a partir do século XX, quando a cidade passou a crescer para além do seu núcleo histórico original, incorporando novas áreas e criando territórios que, como o Rio Vermelho, assumiram identidade própria. Ao longo desse processo, o bairro deixou de ser apenas uma área de passagem para se tornar um ponto de permanência, atraindo moradores, artistas, intelectuais e comerciantes que contribuíram para a construção de uma atmosfera marcada pela convivência e pela diversidade.

A presença de Jorge Amado e Zélia Gattai, cuja residência hoje abriga a Casa do Rio Vermelho, ajudou a projetar o bairro para além das fronteiras da Bahia, inserindo-o no imaginário internacional como um espaço de criação literária e de vivência cultural. A obra de Jorge Amado, amplamente difundida no exterior, transformou o Rio Vermelho em cenário simbólico de uma Salvador plural, sensorial e profundamente humana.

Para o historiador João José Reis, bairros como o Rio Vermelho permitem compreender a cidade em sua dimensão mais concreta, pois

concentram práticas sociais e culturais que revelam a complexidade de Salvador. Em análises sobre a formação urbana e social da capital, ele destaca que a cidade se constrói a partir da convivência entre diferentes grupos e tradições, e que determinados espaços tornam essa convivência mais visível, funcionando como síntese de processos históricos mais amplos.

Essa síntese se manifesta no cotidiano. Durante o dia, o Rio Vermelho apresenta um ritmo que favorece a vida de bairro, permitindo que moradores realizem atividades cotidianas a pé, frequentemente estabelecimentos locais e estabelecem relações de proximidade que fortalecem o senso de pertencimento. A administradora Maria das Graças Conceição, que vive na região há mais de duas décadas, observa que essa característica diferencia o bairro dentro da dinâmica urbana de Salvador. “O Rio Vermelho permite que a gente viva a cidade de forma mais próxima. Eu resolvo tudo andando, conheço as pessoas, acompanho o movimento. Isso cria uma relação diferente com o lugar”, afirma.

Essa experiência cotidiana convive com uma outra dimensão do bairro, que se intensifica ao longo da noite. O Rio Vermelho se consolidou como um dos principais polos gastronômicos e boêmios da cidade, reunindo bares, restaurantes e espaços culturais que atraem moradores e turistas em fluxo contínuo. Essa movimentação sustenta uma economia ativa e diversificada, que envolve desde pequenos comerciantes até empreendimentos consolidados no cenário local.

O comerciante Alberto Ricardo de Jesus, que atua há mais de dez anos na região, destaca que essa vitalidade é determinante para o funcio-

namento do bairro. “Aqui sempre tem movimento. Não importa o dia da semana, sempre tem gente circulando, consumindo, trabalhando. Isso mantém o comércio forte e faz o bairro seguir crescendo”, afirma.

A gastronomia ocupa um papel central nesse contexto, especialmente pela presença de práticas tradicionais

que resistem ao tempo, como a venda de acarajé, reconhecida como patrimônio cultural e elemento fundamental da identidade baiana. No Rio Vermelho, essa tradição se mantém viva e integrada ao cotidiano, coexistindo com novas propostas culinárias que ampliam a diversidade do bairro.

Além da dimensão eco-

nômica e cultural, o Rio Vermelho também se destaca como espaço de expressão religiosa, sendo palco da Festa de Iemanjá, uma das maiores manifestações populares do Brasil. A celebração mobiliza milhares de pessoas todos os anos e reafirma o vínculo entre o bairro e as práticas religiosas de matriz africana, que fazem parte

da formação histórica de Salvador.

O antropólogo Ordep Serra aponta que essa presença do sagrado no espaço urbano não é um elemento isolado, mas parte de uma lógica cultural mais ampla. Em seus estudos, ele destaca que, em Salvador, a religiosidade se manifesta de forma pública e integrada ao cotidiano, ocupando ruas e organizando práticas sociais, especialmente em bairros como o Rio Vermelho, onde essas expressões encontram visibilidade e continuidade.

A estudante Fernanda Amorim, frequentadora assídua da região, observa que essa diversidade de usos é o que mantém o bairro ativo. “O Rio Vermelho nunca fica vazio. Sempre tem alguma coisa acontecendo, de dia ou de noite. Isso faz com que o bairro esteja sempre vivo”, afirma.

Ao longo do tempo, o Rio Vermelho passou por transformações que acompanham as mudanças da própria cidade, incluindo a valorização imobiliária e a chegada de novos empreendimentos, o que impõe desafios relacionados à preservação de sua identidade e à permanência de moradores tradicionais. Ainda assim, o bairro mantém uma característica essencial, que é a capacidade de incorporar mudanças sem perder completamente sua essência.

Essa capacidade de adaptação ajuda a explicar por que o Rio Vermelho se mantém como um dos bairros mais representativos de Salvador. Não se trata apenas de um espaço geográfico, mas de um território onde diferentes dimensões da vida urbana se encontram e se articulam, criando uma experiência que ultrapassa a ideia de bairro e se aproxima da própria definição de cidade.

